
*uma leitura de um conto de Augusto Monterroso à luz do
“cosmopolitismo do pobre”*

A exportação de cérebros e outros acontecimentos

*uma leitura de um conto de Augusto Monterroso à luz do
“cosmopolitismo do pobre”*

Isabel Araújo Branco



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/4907>

DOI: 10.4000/cultura.4907

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM – Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2018

Paginação: 153-160

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Isabel Araújo Branco, «A exportação de cérebros e outros acontecimentos», *Cultura* [Online], vol. 37 | 2018, posto online no dia 03 dezembro 2020, consultado o 09 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/4907> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.4907>

Este documento foi criado de forma automática no dia 9 julho 2021.



Cultura is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

*uma leitura de um conto de Augusto Monterroso à luz do
“cosmopolitismo do pobre”*

A exportação de cérebros e outros acontecimentos

uma leitura de um conto de Augusto Monterroso à luz do
“cosmopolitismo do pobre”

Isabel Araújo Branco

- 1 Nascido em Tegucigalpa, nas Honduras, e tendo vivido grande parte da sua vida no México, Augusto Monterroso é inserido na literatura guatemalteca, a da sua nacionalidade. Mas é, acima de tudo, um hispano-americano. E é como tal que frequentemente reflecte sobre a América Latina no seu conjunto, através de uma voz muito própria, fortemente pontuada pela ironia e pela sátira. “Su humor no es banal: es una forma de reflexión que nos recuerda [...] que la imperfección del mundo es tragicómica porque no tiene remedio” (Oviedo 2005, 255). Para Robert A. Parsons, Monterroso é “perhaps the finest and most subtle humorist in all of Spanish America and one of the region’s most accomplished contemporary writers” (Parsons 1989, 943).
- 2 “La exportación de cérebros” (incluído em *Movimiento perpetuo*, 1972) é um dos contos mais marcantes de Monterroso, abordando a migração de hispano-americanos para a Europa e Estados Unidos. O autor recusa uma visão eurocêntrica do mundo e da América Latina e propõe uma perspectiva simultaneamente crítica, realista, histórica e irónica do subcontinente. Neste artigo propomos uma leitura da obra literária de Monterroso à luz do conceito de cosmopolitismo do pobre, do ensaísta, crítico, professor e investigador brasileiro Silvano Santiago.
- 3 Como o próprio Santiago explica no artigo “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – O cosmopolita pobre”, incluído neste volume, o conceito de cosmopolitismo do pobre surgiu num ensaio escrito em 2002 e publicado em 2004. Aí o autor propõe uma nova teorização alternativa ao multiculturalismo, que passa pela desnacionalização do espaço urbano e pela desnacionalização da política, assumindo as diversas fontes das populações e a economia transnacional que impera no mundo. Segundo Silvano Santiago, uma das consequências dessa situação é o estado-nação

passar “a ser co-extensivo com a humanidade” (Santiago 2004, 58). Assim, as migrações passam a ser encaradas não como movimentações económicas entre países, mas como expressões semânticas que se referem a transferências de lugares e de pessoas, de conhecimentos e de formas de pensar e de fazer.

- 4 Começamos por fazer uma breve apresentação do conto de Monterroso. Eis a primeira frase: “El fenómeno de la exportación de cerebros ha existido siempre, pero parece que en nuestros días empieza a ser considerado como un problema” (Monterroso 2006, 21). O bom cérebro sai da América Hispânica ou voluntariamente (o mais comum), ou é levado ou expulso. Os cérebros são apresentados como uma matéria-prima, como o estanho ou a banana, comercializados em condições cada vez piores para a região de origem. Contudo, segundo o narrador, trata-se de um falso problema, porque há poucos cérebros muito bons, embora agrade pensar que existem muitos: “Sospechar que alguien está ansioso de apropiarse de nuestros genios significa suponer que los tenemos y, por tanto, que podríamos seguir permitiéndonos el lujo de no importarlos” (Monterroso 2006, 22). Haverá cerca de duzentos cérebros de primeira categoria, “dignos de y dispuestos a ser atraídos por las vanas tentaciones del dinero del exterior” (Monterroso 2006, 22).

El cerebro es una materia prima como cualquier otra. Para refinarlo se necesita enviarlo afuera para que algún día nos sea devuelto elaborado, o bien transformarlo nosotros mismos; pero, como en tantos otros campos, por desgracia las instalaciones con que contamos para esto último o son obsoletas, o de segunda, o sencillamente no existen. (Monterroso 2006, 22)

- 5 Trata-se do movimento típico no mundo globalizado dos últimos 500 anos, o envio das matérias-primas das periferias para os centros (a Europa e os Estados Unidos) e depois a comercialização e regresso às periferias dos produtos já transformados. É o sistema-mundo, seguindo a terminologia de Immanuel Wallerstein, em que a divisão do trabalho é mais ampla que as áreas de produção local. O sistema-mundo, ou economia-mundo, baseia-se no modo de produção capitalista (acumulação de riqueza e mercado), e a sua expansão relaciona-se com a colonização da América Latina, uma eterna periferia. E, acrescentando-se, esse carácter periférico é possivelmente um dos factores estruturais de maior unidade da região.
- 6 O narrador do conto fala das vantagens dos cérebros comparativamente com outros elementos e argumenta que, por exemplo, estes não cansam as terras de cultivo como acontece com as bananas, o que se torna mais benéfico a longo prazo. Quase a concluir, esclarece três pontos. Em primeiro lugar, a maioria dos cérebros sai voluntariamente, porque “su consumo en Hispanoamérica está lejos todavía de ser importante” (Monterroso 2006, 24). Em segundo lugar, sustenta que a região ganha mais com os cérebros a viver no estrangeiro. É o destino destes países que está em jogo. Por fim, diz que a única coisa positiva das ditaduras é a expulsão de cérebros. A solução é importar dois cérebros por cada um que sai: “por cada cerebro exportado importemos dos” (Monterroso 2006, 25).
- 7 Desta solução, podemos inferir pelo menos duas conclusões nossas. Por um lado, o cérebro hispano-americano tem mais potência que os outros: para equilibrar a saída de um hispano-americano entram dois estrangeiros. Por outro, os cérebros estrangeiros, não sendo necessariamente melhores, conseguem fazer o que os hispano-americanos não conseguem, pelo menos se forem para a América Hispânica. Talvez seja uma característica geral de todos os cérebros, sempre mais produtivos quando estão fora, como os exemplos dados pelo texto, o que nos permite extrapolar e afirmar que onde se

lê “América Hispânica” se pode ler a designação de qualquer região ou país, como é o caso de Portugal:

Joyce hizo más por la literatura irlandesa desde Suiza que desde Dublín; Marx fue más útil para los obreros alemanes desde Londres que desde su patria; es probable que si Martí no hubiera vivido en los Estados Unidos y en otros países la Revolución cubana no tendría en él a tan grande ideólogo; Andrés Bello transformó la gramática española desde Inglaterra; Rubén Darío hizo lo mismo con el verso español desde Francia [...]. (Monterroso 2006, 24-25)

- 8 Nesse parágrafo, refere-se o que estas personalidades fizeram pelo país de origem quando estiveram no estrangeiro, não as consequências para o país de acolhimento.
- 9 Portanto, o que ganha a América Hispânica com a importação de cérebros (o contrário do título e o problema essencial segundo o conto)? Não é mais uma forma de colonialismo, mesmo que voluntária? Um messianismo auto-imposto, um sebastianismo americano e provinciano? Sim e não. Sim, fazendo uma leitura literal do conto. Não, levando em conta o fortíssimo tom irónico (e portanto de perversão ou inversão do sentido das palavras) deste e de outros textos de Monterroso:

A ironia, como tropo de pensamento [...], é, em primeiro lugar, a ironia de palavra [...] continuada como ironia de pensamento, e consiste, desta maneira, na substituição do pensamento em causa, por um outro pensamento, que está ligado ao pensamento em causa por uma relação de contrários [...] e que, portanto, corresponde [...] ao pensamento do adversário [...].

[...] A “ironia retórica” [...] quer que a ironia seja compreendida pelo ouvinte, como ironia, e, portanto, como sentido contrário [...]. O orador pode querer (as mais das vezes, isso acontece na simulação) obter imediatamente no ouvinte este resultado de compreensão, ou então, pode querer jogar, durante algum tempo, com um estádio passageiro de mal-entendido [...]. (Lausberg 1993, 251-253)

- 10 A ironia é, sem dúvida, um traço marcante na obra de Monterroso. Aliás, José Miguel Oviedo considera que esta “sábria ironia” consiste no “gesto esencial con el que encara su oficio” (Oviedo 2005, 252), apontando a utilização da fábula e “la fuerza corrosiva de la facecia como armas para combatir la arrogancia y la estupidez humana” (Oviedo 2005, 254).
- 11 Nesta linha devemos referir, por exemplo, “El eclipse” e “Mister Taylor” (inseridos em *Obras completas (y otros contos)*, de 1959), pelo trabalho de desconstrução, inversão e denúncia do colonialismo, do neocolonialismo e do eurocentrismo. No microconto “El eclipse”, um frade espanhol perdido na selva guatemalteca é preso por um grupo de ameríndios que o pretende sacrificar num aparente ritual religioso. Fray Bartolomé Arrazola acredita que os amedronta quando ameaça com o seu poder de escurecer o céu, lembrando-se pouco antes de um eclipse previsto para aquele dia por Aristóteles, séculos antes. A surpresa transparece, de facto, no semblante dos americanos, que se detêm e reúnem. Contudo, um curto parágrafo final mostra a polissemia da expressão facial: a incredulidade deve-se à descoberta do facto de o frade ter também acesso à informação sobre o fenómeno astronómico, prevista nos códices maias. É o outro ponto de vista que o texto nos dá, afinal, o dos indígenas, não o do europeu, como inicialmente se poderia supor. É a verificação de que uma expressão pode ser interpretada de diferentes formas, de acordo com a base cultural de quem a vê, como explica Mary Louise Pratt no seu estudo sobre *Primer nueva crónica y buen gobierno* (c. 1615), do cronista andino Guaman Poma de Ayala, em que apresenta o conceito de zona de contacto. É a oferta da pluralidade das perspectivas, o encontro da voz normalmente silenciada. É o escritor latino-americano (portanto, herdeiro transcultural das tradições

e culturas ameríndias, europeias, africanas e asiáticas que se cruzaram no subcontinente ao longo dos últimos séculos) a tornar visível a óptica de um “outro”, que afinal é um “eu”. Lembremos o cubano José Martí quando, décadas antes, escrevia em “Nuestra América”: “Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria” (Martí 2007, 97). Por seu lado, “Mr. Taylor” narra a comercialização de cabeças humanas reduzidas, passando da América Latina para os mercados dos Estados Unidos através de um intermediário norte-americano, que apresenta o “produto” como uma manifestação cultural tradicional dos povos do Sul. É um encontro casual que transforma a vida de Mr. Taylor, então apenas um pobre sem rumo: cruza-se com um vendedor de cabeças em plena América Latina, que, assumindo fortes complexos por não saber comunicar com o norte-americano em inglês, lhe oferece a cabeça que lhe tentava vender. Este é o primeiro de muitos exemplares que acaba por chegar aos EUA, num negócio que enriquece Taylor, o seu tio e a elite política e económica desta tribo ou país latino-americano e que simultaneamente provoca a morte e a destruição generalizada das populações autóctones. No texto, também repleto de comentários irónicos, são criticados de igual forma estes “neocolonos” do Norte e os seus cúmplices do governo local. Como comenta Francisca Noguero Jiméñez, “Mr. Taylor’ denuncia con sarcasmo la autofagia de los pueblos pobres, que lleva al agotamiento de los recursos materiales en beneficio del extranjero” (Noguero Jiméñez 2000, 73). Como em “La exportación de cerebros”, aliás.

- 12 Regressemos, pois, a esse texto. A solução proposta pelo conto é apenas uma paródia ao nosso mundo, um mundo que cai em paradoxos, um mundo que, por um lado, se engrandece ao acreditar que tem mais cérebros do que realmente tem (“nos complace hacernos ilusiones [...]. Sospechar que alguien está ansioso de apropiarse de nuestros genios significa suponer que los tenemos [...]” (Monterroso 2006, 22)) e, por outro, assume que a salvação vem de fora, através da comercialização das matérias-primas, seja estanho, sisal ou cérebros: vender em bruto para consumir depois de refinados e transformados em produtos e, ao mesmo tempo, recuperar as remessas que os cérebros enviam ou fazem render lá fora. Portanto, dependência extrema do estrangeiro e falta de desenvolvimento social e económico próprio e de soberania da América Hispânica. Será esta afirmação demasiado séria e sisuda a propósito de um conto como este? Provavelmente sim, até porque o texto se concentra no gozo da situação, não verdadeiramente na sua resolução, apesar das palavras finais. E não nos queremos adiantar a Monterroso (também ele um cérebro exportado), pelo menos neste espaço.
- 13 Retomemos algumas questões que fomos levantando. Se os cérebros fazem mais fora do que dentro, porque tal acontece? São refinados fora? E/ou ganham credibilidade na sua América Hispânica só porque foram para fora? Portanto, a América Hispânica é provinciana e tacaña e impõe-se um “autoneocolonialismo”? Outra discussão: porque é que os cérebros são mais produtivos quando estão fora? Talvez porque, como explica o texto no ponto 1, não há consumo de cérebros na América Hispânica, que, por isso, se vão embora voluntariamente: “Cuando buenamente pueden, nuestros cerebros simplemente se van, en la mayoría de los casos porque su consumo en Hispanoamérica está lejos todavía de ser importante” (Monterroso 2006, 24). E vão porquê? O texto fala nas “vanas tentaciones del dinero del exterior” (Monterroso 2006, 24). Ora, se são “vãs” e se relacionam com dinheiro, os cérebros não são assim tão inteligentes, porque se deixam enganar pelo brilho do capital, e a ilusão¹ não conduz a parte nenhuma. Não? Parece-nos que sim: conduz ao esclarecimento, à verdade, ao conhecimento. Como terá dito Lenine (outro cérebro migrante que marcou fortemente o país natal), só a verdade

é revolucionária. Será esta verdade, ou melhor, a descoberta desta verdade pelos cérebros que poderá beneficiar a América Hispânica. Pelos cérebros exportados e pelos cérebros importados, porque também estes se confrontam com o outro e com a destruição das ilusões. (E a primeira ilusão é de que a América hispânica tem dinheiro, porque só fazendo com que acreditem nisso é que se conseguirá importá-los e transferi-los, seguindo o raciocínio sobre as movimentações de cérebros de origem hispano-americana.) Assim, já temos uma resposta possível para a questão antes colocada sobre o que ganha a América Hispânica com a importação de cérebros (e também com a exportação): conhecer a realidade.

- 14 Mas que realidade, que realidades? Talvez realidades sobre si própria. Não dizia o cubano Alejo Carpentier (mais um cérebro migrante) que, quando estava fora do subcontinente, se descobria e se compreendia melhor a si próprio e ao seu território de origem? Estar longe é estar perto, ou melhor, é pensar e entender o “eu” e o “nós”, é empreender uma viagem de autodescoberta, de autoconhecimento, talvez não possível de outra forma. Por outras palavras – e continuando com as interrogações –, é tornar o pobre cosmopolita? O pobre é aquele que se deixa levar pelas “vãs tentações do dinheiro” ou simplesmente pela necessidade de melhorar as suas condições de vida. Não se pode esquecer que hoje, cada vez mais, é muito comum a simultaneidade de cérebros e pobreza e que muitos migrantes intelectuais não passam da classe média baixa ou mesmo da classe baixa, nomeadamente em Portugal, onde há poucos anos um governo liderado por Pedro Passos Coelho apelou aos jovens (entre eles, os licenciados, mestres e doutores) que abandonassem o País e procurassem trabalho no estrangeiro – jovens, portanto, cérebros e economicamente pobres. Neste ponto, regressamos ao conceito de Silviano Santiago: o pobre cosmopolita é aquele que abandona a sua região de origem e se recoloca nos eixos urbanos mundiais.
- 15 O dicionário define como cosmopolita a “pessoa que considera o mundo como pátria”, a “pessoa que viaja muito e que se sente bem em qualquer país” e aquilo que “é relativo ou próprio dos grandes centros urbanos”. Escreve Silviano Santiago que os “desempregados do mundo se unem em Paris, Londres, Roma, Nova Iorque e São Paulo” (Santiago 2004, 52): gente também hispano-americana exportada, matéria-prima seja maioritariamente braçal ou intelectual, pobre do ponto de vista económico, mas com uma riqueza potencial extrema, que nessa viagem se torna cosmopolita. Como devemos pensar este salto, esta transformação?
- 16 Silviano Santiago defende que sem nação não há fronteiras, pelo menos fronteiras nacionais. Mas existe sempre a fronteira do “eu” e do “nós”, do conhecido e do desconhecido, do passado e do que será descoberto ou reconhecido, ou seja, do novo. É esse novo que importa e a novidade que acarreta. Ou, por outras palavras, a inovação. É nessa inovação que reside o benefício para quem acolhe e para quem é abandonado, para quem “importa” ou “exporta” cérebros (e agora, sem fronteiras, já usamos aspas em “importar” e “exportar”): é a criação do novo, talvez mais do que a sua descoberta, que consubstancia os ganhos das movimentações humanas, a “mais-valia” no sentido original, no sentido marxista do termo. São, pois, novos fenómenos como a manifestação em actores culturais pobres de “uma atitude cosmopolita” (Santiago 2004, 60), uma atitude até agora “inédita em termos de grupos carentes e marginalizados em países periféricos” (Santiago 2004, 60). É novo, por exemplo, o “diálogo entre culturas afins que se desconheciam mutuamente até aos dias de hoje” (Santiago 2004, 60-61), tal como a “redefinição cosmopolita e pobre de cultura afro-brasileira” que tem “como

polos tanto o Brasil quanto a África” (Santiago 2004, 61). Exemplo disso é a referência do músico brasileiro Martinho da Vila a políticos revolucionários do ideário das lutas anticoloniais africanas da segunda metade do século XX, como Amílcar Cabral, Samora Machel e Agostinho Neto.

- 17 Como Santiago refere no citado artigo, “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – O cosmopolita pobre”, actualmente artistas jovens de zonas periféricas das grandes urbes brasileiras vão para o estrangeiro mostrar o seu trabalho, uma experiência impossível décadas antes. São, diríamos nós, então, também cérebros exportados, cérebros que conhecem e descobrem e que, com esse saber, ajudam a compreender e a criar novas perspectivas e novas realidades. É, parafraseando Santiago nesse texto, a reconstrução da identidade do cosmopolita pobre no século XXI, simultaneamente universal e local, histórica e atemporal, mostrando que a análise cultural terá como fruto uma nova esperança para a humanidade.
- 18 Em 2015, de passagem por Lisboa, o ensaísta Homi Bhabha defendia a necessidade de trazer para o centro o que está à margem, também ao nível da linguagem, sustentando que, mais do que o direito de criar e expressar, é necessário o direito de interpretar e narrar, um direito menos ligado à filologia e mais aos valores políticos. Tal implica negociar e levar as periferias para o centro. Não será também disso que temos vindo a falar? Não será da transferência do pobre das regiões periféricas (margem, a par dos pobres que já nasceram nos centros) para as grandes urbes mundiais (cosmopolitas)? Não sabemos o que Bhabha responderia, por isso regressemos uma última vez à nossa questão. Assim, o que se ganha, o que se perde? Muito, sem dúvida, em ambas as dimensões: está envolvido muito sofrimento intelectual, emocional e físico, mas simultaneamente uma inevitável descoberta e uma fortíssima criação do novo – o que quer que seja esse novo. Será cosmopolita? Provavelmente sim. Será pobre? Esperemos que não.

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. www.priberam.pt/dlpo/cosmopolita.

LAUSBERG, Heinrich. 1993. *Elementos de Retórica Literária*, 4.ª ed. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARTÍ, José. 2007. “Nuestra América”. In *América Latina en José Martí*, Edição de Aínsa, F., 93-103. Madrid: Cooperación Editorial.

MONTERROSO, Augusto. 2006. “La exportación de cerebros”. In *La exportación de cerebros*, 21-25. Rivas-Vaciamadrid: H Kliczkowski.

NOGUEROL JIMÉNEZ, Francisca. 2000. *La trampa en la sonrisa: sátira en la narrativa de Augusto Monterroso*. Sevilla: Universidad de Sevilla.

OVIEDO, José Miguel. 2005. *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. 4. Madrid: Alianza Editorial.

PARSONS, Robert A. 1989. "Parody and self-parody in *Lo demás es silencio: la vida y obra de Eduardo Torres* by Augusto Monterroso". *Hispania* 72 (4) : 938-945.

PRATT, Mary Louise. 1991. "Arts of the Contact Zone". *Profession* (1991): 33-40.

SANTIAGO, Silviano. 2004. "O cosmopolitismo do pobre". In *O Cosmopolitismo do Pobre*, 45-63. Belo Horizonte: Editora UFMG.

NOTAS

1. "Ilusão" no sentido português, não "ilusión" em espanhol, com significado diferente em muitas ocasiões.

RESUMOS

Neste artigo propomos uma leitura do conto "La exportación de cérebros" (*Movimiento perpetuo*, 1972), do guatemalteco Augusto Monterroso à luz do conceito de cosmopolitismo do pobre, do ensaísta brasileiro Silviano Santiago. Para isso, é feita uma análise crítica e abrangente do texto, relacionando-o com a realidade dos nossos dias.

In this paper we propose a reading of the short story "La exportación de cérebros" (*Movimiento perpetuo*, 1972), by the Guatemalan author Augusto Monterroso in the light of Brazilian essayist Silviano Santiago's concept of cosmopolitanism of the poor. For this, a critical and comprehensive analysis of the text is made, relating it to the reality of our day.

ÍNDICE

Keywords: Augusto Monterroso, Silviano Santiago, short stories, cosmopolitanism of the poor

Palavras-chave: Augusto Monterroso, Silviano Santiago, contos, cosmopolitismo do pobre

AUTOR

ISABEL ARAÚJO BRANCO

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2204-5501>. E-mail: ibranco@fcsh.unl.pt.